REVISTA CORDIS

CEMITÉRIO DE BEXIGUENTOS DE FREI MARTINHO (PB): OSTEOBIOGRAFIA DOS EXCLUÍDOS

CEMITÉRIO DE BEXIGUENTOS OF FREI MARTINHO (PARAÍBA, BRAZIL): OSTEOBIOGRAPHY OF THE EXCLUDED

Beatriz Freire Guimarães [1]
Lucas Ramon Porto de Assis [2]
José Marcio Rocha Venâncio [3]
Allysson Allan de Farias [4]
Juvandi de Souza Santos [5]

RESUMO: Este artigo analisa o Cemitério dos Caboclos Bexiguentos, localizado em Frei Martinho (PB), com o objetivo de discutir sua importância para a compreensão das relações entre epidemias, práticas funerárias e desigualdades sociais no contexto da Paraíba oitocentista. A pesquisa fundamenta-se em uma abordagem interdisciplinar que articula História, Arqueologia Histórica, Bioarqueologia e Antropologia Forense, combinando levantamento bibliográfico e documental, escavação arqueológica, análise do contexto funerário e estudo laboratorial dos remanescentes osteológicos recuperados. Os resultados confirmaram a existência de um espaço destinado ao sepultamento de indivíduos vitimados por doenças infectocontagiosas em condições de marginalização, evidenciando enterramentos simples, localização periférica e vestígios compatíveis com práticas funerárias marcadas pela precariedade. A análise osteobiográfica permitiu caracterizar um indivíduo infantil, além de identificar aspectos relacionados às condições de vida, saúde e alimentação da população sepultada. Conclui-se que os Cemitérios de Bexiguentos constituem importantes testemunhos materiais das respostas sociais às epidemias, contribuindo para a preservação da memória de grupos historicamente invisibilizados e para a compreensão das interações entre saúde, morte, exclusão social e patrimônio.

[1] Doutoranda em Medicina Translacional (NPDM/UFC). Universidade Federal do Ceará. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-1581-3907 E-mail: profbeatrizguimaraes@gmail.com
[2] Mestrando em Medicina Translacional (NPDM/UFC). Universidade Federal do Ceará. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-6081-7707 E-mail: lucasramonporto@gmail.com
[3] Mestrando em Medicina Translacional (NPDM/UFC). Universidade Federal do Ceará. Orcid: https://orcid.org/0009-0009-6303-1449 E-mail: myltes@gmail.com
[4] Doutorado em Genética (USP). Universidade Federal do Ceará. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-5322-1785 E-mail: allyssonallan@gmail.com
[5] Doutorado em História (PUCRS). Universidade Estadual da Paraíba. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-1480-3993 E-mail: juvandisouzasantos@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Bioarqueologia; Cemitérios de Bexiguentos; Osteobiografia; Patrimônio difícil; Exclusão social.

ABSTRACT: his article examines the Caboclos Bexiguentos Cemetery, located in Frei Martinho, Paraíba, Brazil, in order to discuss its significance for understanding the relationships among epidemics, funerary practices, and social inequality in nineteenth-century Paraíba. The study adopts an interdisciplinary approach combining History, Historical Archaeology, Bioarchaeology, and Forensic Anthropology through bibliographical and documentary research, archaeological excavation, analysis of the funerary context, and laboratory examination of the recovered osteological remains. The results confirmed the existence of a burial ground intended for individuals who died from infectious diseases under conditions of social marginalization, revealing simple burials, a peripheral location, and material evidence consistent with precarious funerary practices. Osteobiographical analysis enabled the characterization of a juvenile individual and provided insights into the living conditions, health, and diet of the buried population. The study concludes that Bexiguentos Cemeteries constitute important material evidence of historical responses to epidemics, contributing to the preservation of the memory of historically marginalized groups and to a broader understanding of the relationships among health, death, social exclusion, and cultural heritage.

KEYWORDS: Bioarchaeology; Cemitério dos Bexiguentos; Osteobiography; Difficult Heritage; Social exclusion.

10.23925/2176-4174.39.2026e77712

Recebido em: 10/08/2026.

Aprovado em: 08/10/2026.

Publicado em: 10/10/2026.

Introdução

Os estudos sobre doenças e contextos funerários demandam abordagens interdisciplinares, pois permitem compreender as relações entre saúde, sociedade e práticas mortuárias. As pandemias frequentemente exigem a retomada de estratégias históricas de enfrentamento, como isolamento social, utilização de máscaras e outros instrumentos e estratégias de profilaxia, além de práticas funerárias excepcionais, (valas comuns ou sepultamentos sem ritual próprio), evidenciando a importância de recorrer ao passado para, a partir das experiências adquiridas, aprimorar o presente (Guimarães, 2021). Nesse sentido, a doença integra não apenas a história da

Medicina, mas também das estruturas sociais, das representações e das mentalidades (Le Goff, 1991).

A Bioarqueologia contribui para esse debate ao investigar materialmente, através de variados tipos de avaliações laboratoriais e clínicas (Buikstra, 1977; Larsen, 2003), remanescentes osteológicos dos indivíduos vitimados por moléstias epidêmicas, práticas relacionadas à morte, à doença e ao medo do contágio. No Brasil, desde 2018, pesquisas desenvolvidas na Paraíba por equipes da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e da Universidade Federal do Ceará (UFC) têm analisado histórica e arqueologicamente os chamados *Cemitérios de Bexiguentos;* em 2024, a primeira escavação bioarqueológica é realizada num desses sítios, no município de Frei Martinho, Paraíba, objeto do presente estudo.

Esses cemitérios apresentam-se enquanto espaços populares, à margem da oficialidade, que se destinavam ao sepultamento de vítimas de doenças infectocontagiosas, sob condições precárias, simbolizando um fenômeno social característico de uma época e de um lugar; dispunham, muitas vezes, apenas de cruzes simples ou círculos de pedras, e, mais raramente, de pequenas estruturas de alvenaria improvisadas para evidenciação de sua existência. As inumações ali realizadas, geralmente, preteriam da ritualística católica ordinária.

Contextualmente, já em finais dos setecentos, no Ocidente, especialmente por preocupações em termos de saúde e salubridade públicas, os sepultamentos deixam de ser uma atribuição (e extensão) da vida religiosa para constituírem responsabilidade dos administradores seculares, os quais passam a adotar a edificação de cemitérios públicos enquanto política de Estado (Catroga, 1999). Esse processo coincide, como bem aponta Philippe Ariès (2012), com a consolidação no espírito das sociedades, marcadamente as de tradição católica predominante, de um tipo de luto «histérico», no qual a morte do outro significa para os seus entes e amigos fator de excruciantes sofrimento e dor. Em razão desses fenômenos, os mortos (e a sua forma corpórea a ser inumada) foram dotados de uma aura de respeitabilidade e, por extensão, «os túmulos tornavam-se o signo de sua presença para além da morte» (Ariès, 2012, p. 76). O cemitério, portanto, passava a constituir um lugar de resguardo da memória de toda uma família ou comunidade.

Os surtos de cólera, varíola, febre amarela e outras epidemias no Brasil do século XIX impulsionaram a premência de se constituírem locais próprios para um

sepultamento «digno e salubre», refletindo o temor do contágio e a crença de que os cadáveres poderiam disseminar doenças por longo período (Guimarães; Santos, 2021). Nesse contexto, o afastamento dos mortos e dos enfermos constituiu não apenas uma medida sanitária, mas também um mecanismo de exclusão social. Tratava-se da higienização do ambiente fúnebre como subterfúgio de um processo de higienização social, posto que «estabelece-se uma estreita relação entre condições de vida e saúde física e moral dos indivíduos» (Diniz, 2003, p.36). Os Cemitérios de Bexiguentos, manifestações ainda mais acentuadas desse fenômeno, em congruência, remetem a um passado marcado pelo medo (do mal e do outro) que, nos últimos séculos, moldou a relação entre os vivos e os mortos, estivessem saudáveis ou padecentes de alguma doença (Delumeau, 2009).

O município de Frei Martinho, interior da Paraíba, protagonizou a formação de um desses cemitérios em seu território, o chamado Cemitério dos Caboclos Bexiguentos. Por se tratar de um local cuja história associa-se à morte e à perda de tantas pessoas, um representante do dito patrimônio difícil (Meneguello, 2022), a memória coletiva local a seu respeito foi constituída eivada de desconfiança, mesmo de uma negligência intencional, a fim de que se fragmentasse no decurso das gerações. Por essa razão, são exíguas as fontes acerca de sua existência, atestada apenas pela subsistência insistente na lembrança de alguns dos moradores mais antigos da localidade. Isso considerado, o Cemitério, localizado numa região erma, estrategicamente escolhida para a segregação entre vivos e mortos, doentes e saudáveis, permaneceu abandonado e praticamente esquecido por mais de um século.

A escassez de informações a respeito do sítio ensejou e ressaltou a importância de uma escavação bioarqueológica ali. Esse tipo de procedimento, para além do resgate de artefatos culturais humanos constituintes do enxoval fúnebre, dedica-se à recuperação e estudo dos remanescentes ósseos escavados, a fim de reconstruir as características bioculturais do indivíduo (sexo, estatura, saúde/qualidade de vida), ou seja, a sua osteobiografia (Pfeiffer, 2022)[6]. Assim, a congregação dos métodos da Bioarqueologia com os da História e Arqueologia Histórica tem grande potencial de contribuição para resinificar os sofrimentos passados associados com o local,

[6] «[...] the story, or identity, of a person as told through the person's bones (or teeth), supplemented with information about the archaeological context, biological, chemical, and other analytical information, as available» (p. 02).

tornando-o em um lugar de memória (Nora, 1993), onde a população local possa conhecer-se no presente através dos seus outrora esquecidos antepassados.

Assim, o presente trabalho tem por problemática norteadora e objetivo a reflexão acerca da importância do Cemitério dos Caboclos Bexiguentos, e de sua consequente preservação e ressignificação, para compreensão das desigualdades históricas que permearam a vida, a saúde e a morte na Parahyba[7] oitocentista. O principal diferencial do que aqui se apresenta é a incorporação da análise bioarqueológica nesse processo, a qual, especialmente na ausência de outras fontes, permite conhecer com cautelosa profundidade quem eram e o que faziam os homens do passado.

Para alcançar esse propósito, o artigo descreve, sinteticamente o sítio, o seu processo de escavação e os resultados das análises do material arqueológico e osteológico dele recuperados, além de discutir criticamente esses aspectos a fim de os inter-relacionar com a vivência dos indivíduos ali inumados. Esse esforço, em descrevendo o microcosmos parahybano, permite, ao menos parcialmente, inferir as condições em que se encontravam os grupos sociais mais vulneráveis e a suas estratégias de sobrevivência em meio ao contexto adverso das epidemias que comumente abatiam-se contra eles, representadas essas últimas pelo fenômeno dos Cemitérios de Bexiguentos (Thompson, 2001; Ginzburg, 1987).

1. Contextos histórico e arqueológico do Cemitério dos Bexiguentos de Frei Martinho

Conforme se já mencionou, os Cemitérios de Bexiguentos surgiram no final do Segundo Reinado e no início da República, um período caracterizado por profundas transformações econômicas, sociais e culturais, modificando as práticas funerárias, particularmente no período republicano, quando os sepultamentos *ad sanctus* foram secularizados sob a égide dos discursos sanitaristas, preocupados com a salubridade pública (Delaporte, 1986). Segundo Guimarães (2021, p. 91):

> Na conjuntura de transformação, as epidemias também se sobressaíram como alavanca para a mudança espacial das necrópoles e costumes fúnebres, tendo em vista que de acordo com a teoria do miasma - no qual os vapores dos corpos em decomposição seriam responsáveis por causar novos doentes na comunidade - somada ao medo que ocorria entre os fiéis de serem contaminados por aqueles que estavam enterrados nas igrejas,

[7] Ortografia oitocentista da Província da Parahyba do Norte, atual estado da Paraíba.

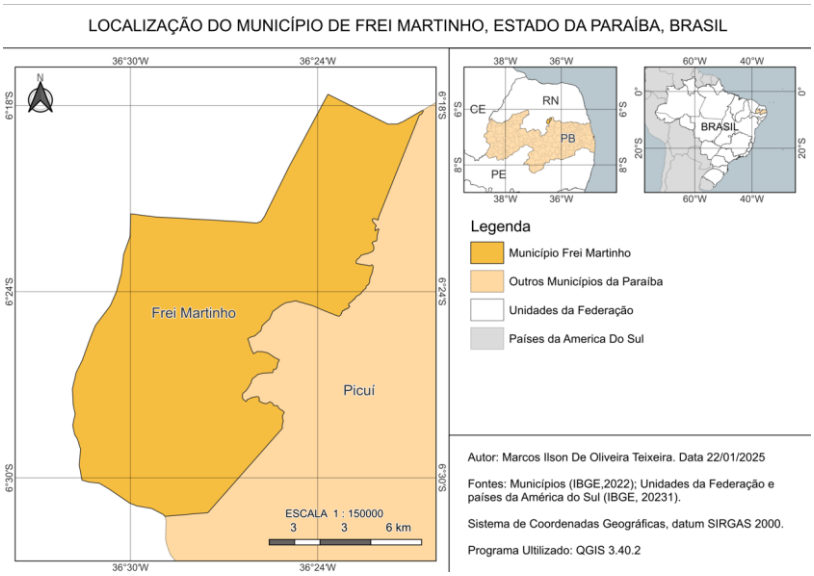
> aumentou o afastamento desses lugares, fazendo com que ficassem localizados em áreas mais afastadas das cidades.

Segundo Ariès (2012), a passagem da «morte domesticada» para a «morte proibida» marcou o progressivo distanciamento entre vivos e mortos, com a proibição dos sepultamentos no interior das cidades. Oexle (1996) complementa essa interpretação ao destacar que a modernidade intensificou a rejeição ao cadáver e, no Brasil, durante as epidemias, o medo do contágio fez com que até os corpos das vítimas fossem considerados perigosos. Assim, em contextos sociais de fragilidade, como os do interior da Parahyba do Norte nos oitocentos, a manifestação epidêmica de alguma moléstia, comumente deveras gravosa, ocasionando numerosas mortes em rápida sucessão[8], desenvolvia-se um ambiente de terror que ensejava a constituição dos cemitérios à margem da oficialidade, afastados dos núcleos populacionais.

Com o arrefecimento da gravidade e da regularidade das epidemias, resultado de políticas de asseio e higienização públicas, conscientização e vacinação da população, somado ao desenvolvimento urbano progressivo das primeiras décadas do século XX, muitos Cemitérios de Bexiguentos foram incorporados à malha das cidades ou desapareceram da paisagem. Nesse contexto, em 2024, foi realizada a primeira escavação arqueológica de um Cemitério de Bexiguentos no Brasil, o dos Caboclos de Frei Martinho (Figura 1), após autorização do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) (01408.000358/2023-17), sob coordenação do Dr. Juvandi de Souza Santos e com a participação das equipes do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB (LABAP/UEPB) e do Laboratório de Bioarqueologia Translacional da UFC (LABBAT/UFC).

[8] Conforme apresenta Assis (2021), entre janeiro e julho de 1856, quando a primeira epidemia de cólera se manifestou na Província da Parahyba do Norte, a doença vitimou 12,13% de toda a população local.

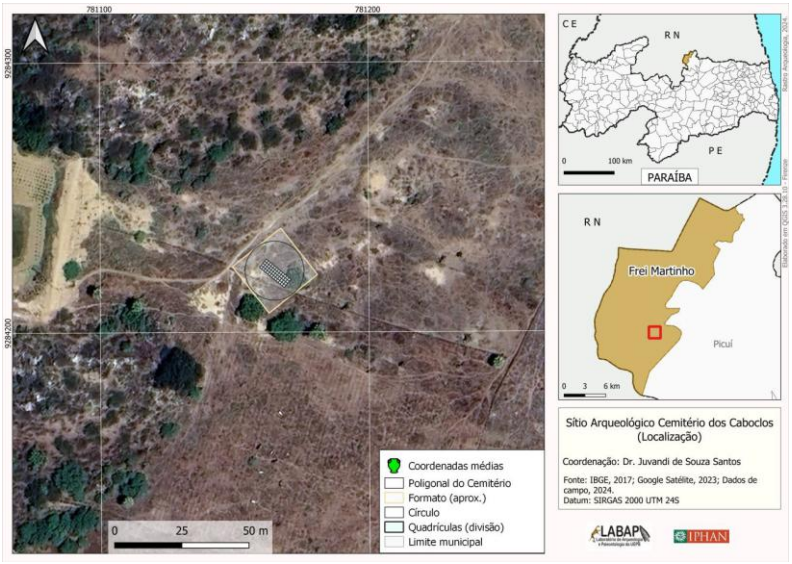
Figura 1 - Mapa localizando a cidade de Frei Martinho, Paraíba.



Crédito: Marcos Ilson.

O local, cuja data de constituição permanece incerta, tornou-se conhecido pela equipe em 2023 a partir de informações fornecidas por moradores da região ao arqueólogo Dr. Juvandi de Souza Santos, que identificou o potencial arqueológico da área para o desenvolvimento de pesquisas (Figuras 2 e 3). Por meio de observação visual *in situ*, foi plausível inferir que se tratava de sítio cemitério e tal suposição se deu em virtude das alterações identificadas na superfície do solo, a partir das quais se presume a localização dos túmulos. O círculo de pedras está situado em uma área ligeiramente mais elevada em relação ao entorno (possuindo uma altura mediana) e, apesar da distância, o acesso ao local é facilitado pela existência de uma estrada não pavimentada. Guimarães (2025) confirma que o sítio arqueológico corresponde aos registros históricos: localizado em área periférica de Frei Martinho, apresenta estrutura circular de pedras (26 × 26 m), sem adornos ou inscrições, atualmente parcialmente cortada por uma cerca de arame farpado (Figura 3).

Figura 2 - Área do Cemitério dos Bexiguentos inserido no município de Frei Martinho, Paraíba.



Crédito: João Rosas (2023).

Figura 3 - Vista do Cemitério de Bexiguentos dos Caboclos (em 2024).



Crédito: Juvandi de Souza Santos.

Historicamente, as condições materiais em Frei Martinho, assim como em grande parte do Nordeste oitocentista, eram marcadas por dificuldades socioeconômicas e pela falta de infraestrutura básica, o que comprometia diretamente a qualidade de vida da população. No campo da saúde, a ausência de atendimento médico regular levava os moradores a recorrerem a práticas populares e remédios caseiros. Antes de 1925, os sepultamentos em Frei Martinho eram realizados de forma improvisada, sendo o Cemitério de Bexiguentos dos Caboclos destinado principalmente às vítimas de doenças infectocontagiosas, embora relatos orais

indiquem também o enterramento de pessoas acometidas por outras enfermidades, como a raiva. Sobre os mortos, Oliveira (2018, p. 23) destaca que

> Quando falecia uma pessoa, o sepultamento dependia das condições econômicas da família. Se tivesse recurso seria sepultada em Picuí[9], caso contrário, o sepultamento era realizado em um cemitério improvisado, ou na propriedade do falecido, caso a terra possuísse. Os enterros em Picuí dependiam de pessoas voluntárias para transportar o finado, numa rede de pano grosso, em forma de rodízio entre os voluntários que se propunham a fazê-lo e demoravam cerca de oito horas até o destino final.

A presente pesquisa realizada no sítio integrou análises históricas, arqueológicas e laboratoriais, reunindo arqueólogos, historiadores e antropólogos forenses. A escavação recuperou vestígios como colchetes, fragmentos cerâmicos, uma conta, um fragmento de linha branca e remanescentes osteológicos, sobretudo dentes e fragmentos de crânio. Os resultados confirmam a existência desses cemitérios no Nordeste, sua localização periférica, a precariedade das práticas funerárias e a marginalização dos indivíduos ali sepultados, contribuindo para dar visibilidade a grupos historicamente excluídos.

2. A escavação bioarqueológica do sítio

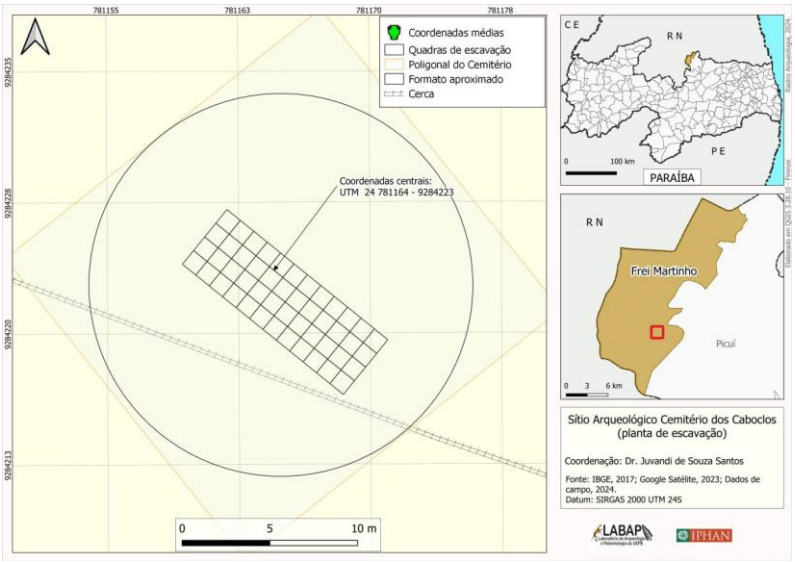
No decurso das escavações bioarqueológicas do sítio, adotou-se uma abordagem metodológica que se inspira nas técnicas sugeridas por Renfrew e Bahn (2001), Bicho (2012) e Stahl (1995), ou seja, com a valorização de um método estratigráfico (camadas artificias de 10 cm), com a documentação minuciosa de cada camada de solo e artefato[10] encontrado; com técnicas cuidadosas e, quando possível, com o uso de ferramentas modernas de modo que se não danifique o material; consideraram-se também os ecofatos para buscar entender condições climáticas e florísticas da época. Essa combinação permite reconstruir as condições bioculturais e e sociais das populações antigas.

[9] Trata-se de outro município, localizado a 26 km de Frei Martinho. De acordo com estimativas hodiernas, a viagem deveria levar algo em torno de 06 horas.

[10] Define-se como artefato arqueológico qualquer indicador de presença ou atividade humana, sem restrições de período histórico ou avaliações subjetivas de importância, conforme discutido por Binford (1972, p. 1983). Esses artefatos são essenciais para compreender os processos culturais, que constituem o propósito principal da Arqueologia (Renfrew; Bahn, 1991).

As escavações, ademais, seguiram protocolos de preservação e documentação arqueológica, incluindo a elaboração de uma planta baixa do sítio, que permitiu registrar sua organização espacial e orientar a análise do contexto arqueológico (Figura 4).

Figura 4 - Planta baixa do sítio arqueológico Cemitério de Bexiguentos dos Caboclos.



Crédito: João Rosas.

Segundo a população local, o medo do contágio e crenças sobrenaturais contribuíram para a preservação do sítio, que permanece pouco alterado, mantendo a cerca rudimentar e o círculo de pedras que delimita a antiga necrópole. A área foi limpa e preparada para a escavação, com definição das quadrículas e da área de peneiramento. Todo o sedimento removido foi peneirado e analisado para garantir a recuperação dos vestígios arqueológicos.

O sítio foi inicialmente dividido em dez quadrículas de 1 m², sendo a prospecção ampliada após a identificação de fragmentos de crânio e dentes humanos na quadrícula 9-A-2, a cerca de 38 cm de profundidade (Figura 5), dando início à escavação sistemática da área. A análise de duas amostras de solo revelou elevada acidez, fator que favoreceu a intensa fragmentação do material osteológico e limitou sua análise macroscópica. Segundo Guimarães (2025), essa fragilidade também está relacionada às condições de vida, à causa mortis e à ação de agentes naturais.

Figura 5 - Quadrícula 9-A-2, a única que apresentou vestígios arqueológicos.



Crédito: Ian Cordeiro.

A escavação do Cemitério de Bexiguentos dos Caboclos também promoveu a valorização da memória de grupos historicamente marginalizados. A campanha recebeu visitas da comunidade, de escolas e da imprensa (Figura 6), ampliando a divulgação da pesquisa e fortalecendo a educação patrimonial, ao aproximar estudantes e moradores do patrimônio histórico e cultural local.

Figura 6 - Alunos da Rede Municipal de Frei Martinho- PB visitando a escavação arqueológica do Cemitério de Bexiguentos da Cidade.



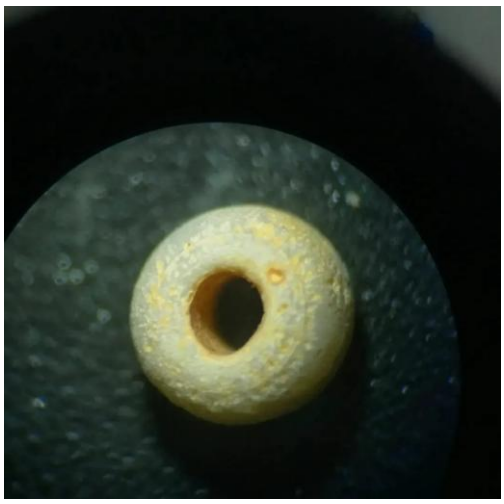
Crédito: Beatriz Guimarães.

A abordagem desses temas a partir da Arqueologia e da Bioarqueologia desperta amplo interesse social ao possibilitar que a população reconheça, em seus próprios antepassados regionais, referências para a compreensão do passado. Essa perspectiva histórica evidencia as diferentes formas pelas quais sociedades lidam com doenças e epidemias ao longo do tempo, permitindo uma leitura crítica de seus impactos e contribuindo para reflexões que podem subsidiar a formulação de políticas públicas de saúde mais sensíveis, contextualizadas e eficazes.

3. O contexto fúnebre

Os acompanhamentos funerários são vestígios depositados intencionalmente junto aos indivíduos durante o sepultamento, constituindo importante fonte para compreender práticas funerárias, organização social e aspectos simbólicos das populações do passado (Freitas *et al*., 2023; Cristante, 2017). Durante a prospecção, foi identificada uma conta com aproximadamente 0,4 cm de diâmetro (Figura 10), possivelmente pertencente a um colar, terço, rosário ou bordado. Segundo Freitas *et al*. (2023), adornos associados a contextos funerários podem representar elementos simbólicos e identitários, indicando que o artefato provavelmente integrou o enxoval funerário, embora a ausência de outros vestígios impeça uma identificação mais precisa.

Figura 7 - Conta associada ao enterramento no Cemitério de Bexiguentos de Frei Martinho, PB.



Crédito: Beatriz Guimarães.

Pequenas contas eram frequentemente utilizadas em bordados e adornos de vestimentas (Figura 8), prática difundida inclusive entre mulheres de baixa condição socioeconômica no século XIX (Guimarães, 2025); o artefato encontrado em Frei Martinho pode ter integrado a roupa do indivíduo sepultado ou ter pertencido a um objeto de caráter religioso, como um terço, hipótese compatível com a influência do catolicismo popular no período. A presença de linhas e colchetes também encontrados no local, porém, reforça a possibilidade de que o artefato estivesse associado à indumentária funerária. Considerando que os remanescentes pertencem a uma criança de aproximadamente nove anos, o achado evidencia alguma permanência dos rituais funerários, mesmo em contextos de pobreza e exclusão social.

Figura 8 – Exemplos de roupas bordadas com o tipo de conta encontrada.



Fonte: Viana (2021).

A presença de remanescentes infantis e a simplicidade dos acompanhamentos funerários refletem as condições de vida e saúde das populações sepultadas. Esses elementos indiciam o contexto de vulnerabilidade sanitária e socioeconômica do século XIX, marcado por doenças, escassez alimentar e exclusão social, conforme Buchalia *et al*. (2023, p. 336):

> Até o final do século XIX, as doenças infecciosas e a fome endêmica persistiam entre os principais problemas de saúde pública, sendo responsáveis por elevadas taxas de mortalidade infantil e pela baixa expectativa de vida das populações humanas. Tal situação estava em boa

> parte relacionada à falta de saneamento, habitações inadequadas, condições de trabalho insalubres e baixo nível de escolaridade, propiciando condições para elevadas taxas de mortalidade por diarreia, varíola, peste, cólera e tuberculose, mesmo em países desenvolvidos

Outro achado relevante foi um colchete de vestimenta, que oferece informações sobre o período do sepultamento e a indumentária do indivíduo. Sua análise também contribui para reflexões sobre a infância no século XIX, marcada por elevadas taxas de mortalidade infantil e pela naturalização da morte precoce (Priore, 2010). O artefato foi encontrado próximo ao crânio (Figura 9) e corresponde a um aviamento utilizado para ajuste de roupas. Segundo Vianna *et al*. (2016), esses elementos são fundamentais no acabamento das peças de vestuário, reforçando sua importância para a interpretação do contexto funerário.

Fig. 9 – Colchete encontrado associado ao enterramento.



Crédito: Beatriz Guimarães.

Os colchetes são aviamentos comumente identificados em vestimentas femininas; no entanto, não é possível determinar o gênero do indivíduo com base apenas nesse elemento. Sua função principal consistia em ajustar as roupas e garantir um melhor caimento, independentemente do gênero, da idade ou do status social de quem as utilizava.

Durante a continuação da escavação da quadrícula 9-A-2, na sexta decapagem, entre 50 e 60 cm de profundidade, foram identificados fragmentos de linha incorporados aos sedimentos (Figura 10). Nesta mesma decapagem, os

pesquisadores também realizaram a retirada do crânio, muito fragmentado, sendo esta a penúltima etapa com achados significativos.

Fig. 10 – Sedimento com linha incorporada



Crédito: Beatriz Guimarães.

A linha recuperada, de coloração branca, apresentava fibras semelhantes às de linhas utilizadas atualmente, sugerindo seu uso em vestimentas do indivíduo. Esse achado fornece indícios sobre a indumentária das classes menos favorecidas da época, cujas roupas e mortalhas eram confeccionadas com materiais simples, duráveis e acessíveis, como algodão, lã grosseira ou tecidos mistos, escolhidos por sua resistência ao desgaste e longa durabilidade. Como observa Santos (2020, p. 16):

> Outra mortalha comum era o hábito branco. Um diversificado público, de africanos a portugueses, ia à sepultura enrolado em pano branco. Entre os primeiros, o branco era a cor fúnebre dos nagôs, jejês, angolas, congos e muçulmanos. Entre os segundos, o branco simbolizava a ressurreição, pois o corpo de Cristo havia sido envolto em hábito branco, o Santo Sudário. O uso do branco entre os africanos fazia sucesso, não apenas por ser a cor fúnebre de vários grupos étnicos, mas por ser o tecido de algodão ordinário, portanto, mais econômico.

Quanto à composição do fragmento de linha, foram consideradas três possibilidades: algodão, poliéster e nylon. Entretanto, levando-se em conta o contexto histórico do cemitério no qual o último sepultamento ocorreu em 1904, descartam-se as duas últimas opções, já que o nylon e o poliéster só foram desenvolvidos nas décadas de 1930 e 1940, respectivamente. Também é improvável que se trate de material contemporâneo, visto que o fragmento foi encontrado a 40–50 cm de profundidade, próximo ao crânio, indicando que provavelmente pertence às vestimentas originais do falecido.

Dessa forma, é plausível concluir que a linha seja de algodão, material comum e acessível na época, especialmente em cemitérios clandestinos destinados a indivíduos de baixa renda. Essa interpretação é consistente tanto com a compatibilidade do material com as linhas de algodão tradicionais quanto com o contexto histórico e social dos Cemitérios de Bexiguentos.

4. Remanescente ósseo: crânio humano

O crânio foi identificado entre 50 e 60 cm de profundidade, sendo removido na sexta camada de decapagem devido à sua fragilidade, juntamente com um bloco de sedimento para garantir sua preservação. Além de fragmentos cranianos, alguns dentes também foram recuperados. Como não foi possível conservar o crânio integralmente, ele foi registrado fotograficamente durante diferentes etapas da limpeza, assegurando a documentação de suas características morfológicas (Figuras 11 a 12).

Figura 11 – Modo como o crânio chegou ao laboratório.



Crédito: Beatriz Guimarães.

Figura 12 – Evidenciamento final do crânio na bancada laboratorial.



Crédito: Beatriz Guimarães.

A análise permitiu identificar fragmentos dos ossos temporais, parietais, occipitais, mandíbula e dentes. As dimensões cranianas e a reduzida espessura da sua parede indicam que o indivíduo era jovem, com estatura estimada em cerca de 1,44 m e idade aproximada entre 11 e 12 anos (Junior, n.d.). Devido à acidez do solo, o material encontrava-se extremamente frágil, dificultando sua conservação. A radiografia (Figuras 13 e 14) revelou agrupamentos dentários e estruturas da cavidade bucal, complementando a análise.

Figura 13 – Radiografia digital do crânio exumado (no círculo, está a identificação de alguns dentes).



Crédito: Beatriz Guimarães.

A análise radiográfica identificou o primeiro e o segundo molares superiores direitos (dentes 16 e 17). O estágio de formação radicular, especialmente do dente 17 ainda não erupcionado, e a formação incompleta da raiz do dente 16 indicam, com base no *Atlas of Human Tooth Development and Eruption* (Al Qahtani, 2010), que o indivíduo possuía aproximadamente 8,5 anos de idade no momento da morte.

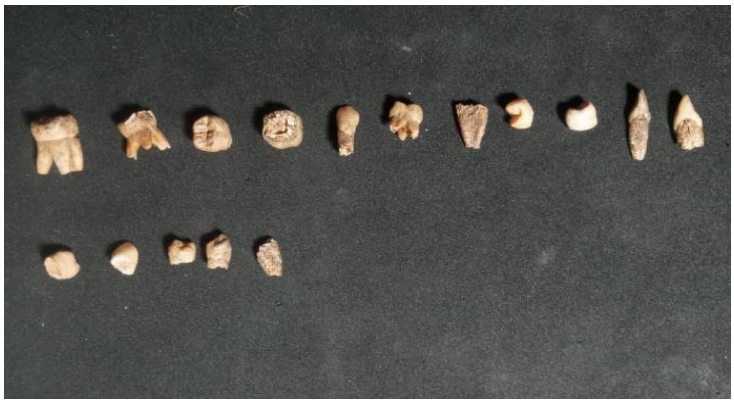
Figura 14 – Dente 17 com ápice incompleto no crânio.



Crédito: Beatriz Guimarães.

S. AlQahtani (2010), com base em dados estatísticos, elaborou um estudo ilustrado que descreve a sequência de erupção dentária ao longo da vida, desde os primeiros meses até a dentição completa, destacando em verde os dentes permanentes. A metodologia adotada consistiu na análise individual de cada dente, comparando-os com as etapas indicadas na tabela de referência. Durante a escavação, foram recuperados outros sete dentes (Figura 15), localizados antes do crânio, cujas características corroboram a estimativa de idade do indivíduo.

Figura 15 – Dentes encontrados inumados no Cemitério.



Crédito: Beatriz Guimarães.

Os dentes apresentam desgaste compatível com uma dieta baseada em alimentos duros e condições de vida precárias, características das populações pobres do sertão nordestino (Oliveira, 2022). A erosão dentária também pode estar relacionada à alimentação acidogênica, à falta de higiene bucal e a problemas de saúde. No caso da criança do Cemitério de Bexiguentos dos Caboclos, a microtomografia computadorizada revelou ainda a presença de cárie (Figura 16), reforçando esse cenário de vulnerabilidade.

Figura 16 – Micro-ct dos dentes, com um deles apresentando cáries.



Crédito: Beatriz Guimarães.

A cárie é uma doença causada pela ação de ácidos produzidos por bactérias durante a fermentação de carboidratos. Seu desenvolvimento está associado à dieta, à higiene bucal e à presença de bactérias cariogênicas. Cucina (2011, n.p.) ressalva:

> Contudo, não somente o consumo de açúcares e as bactérias são responsáveis pela formação de cáries. Com uma etiologia multifatorial, essa doença está relacionada a uma série de causas endógenas e exógenas que influenciam no seu aparecimento e desenvolvimento. Entre as causas endógenas estão a morfologia da coroa, a integridade do esmalte e a composição química da saliva; entre as exógenas estão a composição dos alimentos ingeridos, os hábitos culturais de preparação dos alimentos, a higiene oral e o desgaste dentário.

A análise tafonômica indicou que o crescimento de raízes não perfurou o crânio, característica compatível com um indivíduo jovem devido à pouca espessura óssea. A fragmentação e os danos pós-morte dificultaram a identificação de alterações patológicas, porém não foram observados sinais macroscópicos de doenças nos ossos e dentes (Liryo, 2021). A ausência de lesões ósseas não exclui enfermidades como varíola, tuberculose ou sífilis, pois muitas doenças não deixam marcas no esqueleto.

O material, composto por areia envolvendo fragmentos cranianos e dentários, corresponde a uma criança de aproximadamente 9 anos, possivelmente do sexo feminino, mas essa última afirmativa faz-se baseada somente em artefatos arqueológicos associados (o colchete), devendo ser recepcionada com ressalvas consideráveis, portanto. A tomografia revelou preservação de algumas estruturas internas, apesar das fraturas e deformações causadas pelo peso do sedimento. A análise dos dentes 16 e 17 sugeriu que o indivíduo foi sepultado em decúbito ventral, com o rosto voltado para o solo, prática compatível com relatos históricos dos Cemitérios de Bexiguentos, nos quais as vítimas de doenças contagiosas eram enterradas rapidamente e de forma isolada devido ao medo do contágio.

5. Considerações históricas gerais a partir da escavação

Os Cemitérios de Bexiguentos constituem importantes fontes para compreender as relações entre doença, morte, pobreza e exclusão social ao longo da história. As epidemias, associadas à fome e à ausência de políticas sanitárias eficientes, transformaram práticas funerárias e produziram espaços de isolamento destinados aos indivíduos considerados ameaças à coletividade (Guimarães; Santos, 2021).

A escavação realizada em Frei Martinho (PB) evidenciou características compatíveis com esses espaços, como a ausência de identificação dos sepultados,

enterramentos simples e localização afastada dos centros urbanos, revelando estratégias sanitárias emergenciais diante das epidemias. A presença de uma criança de aproximadamente nove anos demonstra os impactos das doenças e das condições precárias de vida sobre populações vulneráveis.

Além de seu valor arqueológico, esses cemitérios representam patrimônios de memória e reflexão social, especialmente por se enquadrarem como «patrimônios difíceis», associados a passados marcados pelo sofrimento e pela marginalização (Meneguello, 2022). Conforme Traverso (2005), a memória coletiva é construída a partir das demandas e sensibilidades do presente, permitindo ressignificar espaços historicamente esquecidos.

Assim, o estudo dos Cemitérios de Bexiguentos contribui para ampliar a compreensão das respostas sociais às epidemias, preservando a memória de indivíduos invisibilizados e reforçando a importância desses locais como documentos históricos, arqueológicos e culturais (Guimarães; Santos, 2021).

4. Considerações finais

O estudo do Cemitério de Bexiguentos de Frei Martinho (PB) contribuiu para a compreensão das respostas sociais, sanitárias e culturais diante das epidemias que marcaram o final do Império e início da República brasileira. Inserido em um contexto de medo do contágio, pobreza e ausência de políticas públicas eficazes, esse espaço revela experiências históricas de populações marginalizadas, até então pouco representadas na historiografia.

A escavação arqueológica confirmou aspectos descritos pelas fontes históricas, como a simplicidade dos enterramentos, o isolamento desses espaços e as precárias condições de vida. Mesmo com a fragmentação dos vestígios, elementos como dentes, ossos, objetos de vestuário e adornos permitiram compreender práticas funerárias e reforçar a arqueologia como ferramenta complementar à investigação histórica.

A abordagem interdisciplinar, envolvendo Arqueologia, Bioarqueologia, Antropologia Forense e Medicina, ampliou as possibilidades de análise, demonstrando o potencial de técnicas biomoleculares, como a Paleoproteômica, por exemplo, para futuras investigações em materiais arqueológicos degradados. Embora não tenham sido identificados biomarcadores específicos de doenças como a varíola, o estudo

evidenciou novas perspectivas para pesquisas sobre saúde, doença e mortalidade em populações do passado.

Os Cemitérios de Bexiguentos devem ser compreendidos como patrimônios culturais complexos, que preservam memórias de indivíduos pobres, doentes e excluídos, ampliando o debate sobre quais histórias são reconhecidas e preservadas Guimarães; Santos, 2021; Meneguello, 2022). Dessa forma, a pesquisa reafirma esses espaços como arquivos biológicos, históricos e sociais, capazes de promover reflexões sobre epidemias, desigualdades e saúde pública no passado e no presente.

Referências bibliográficas

ARIÈS, P. **História da morte no Ocidente:** da Idade Média aos nossos dias. Tradução: Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ASSIS, L. R. P. **O Cólera na Província da Parahyba do Norte**: efeitos sociais, consequências econômicas (1855-1863). 2024. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Estudos de História Local, Sociedade, Educação e Cultura) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2024.

BICHO, N. **Manual de Arqueologia Pré-Histórica**. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 2012.

BINFORD, L. R. **Em busca do passado**. Lisboa: Europa-América, 1991.

BUCHALLA, C. M.; WALDMAN, E. A.; LAURENTI, R. A mortalidade por doenças infecciosas no início e no final do século XX no Município de São Paulo. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 6, n. 4, p. 335–344, dez. 2003.

BUIKSTRA, J. E. Biocultural dimensions of archaeological study: a regional perspective. In.: ROBERT, B (ed.). **Biocultural adaption in prehistoric America**. Athens: The University of Georgia Press. 1977.

CATROGA, F. **O céu da memória**: cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal -1756-1911. Coimbra. Livraria Minerva Editora, 1999.

CRISTANTE, M. A. P. **Práticas Funerárias de Grupos de Línguas Tupi-Guarani:** Análise de Contextos das Regiões do Paranapanema e Alto Paraná. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação de Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2017.
CUCINA, Andrea (ed.). **Manual de antropología dental**. Mérida, Yucatán, México: Ediciones de la Universidad Autónoma de Yucatán, 2011.

DELAPORTE, F. **The Cholera in Paris, 1832**. Translated by Arthur Goldhammer. Cambridge/London: The MIT Press, 1986.

DELUMEAU, J. **História do medo no Ocidente**: 1300-1800, uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DINIZ, A. da S. As artes de curar nos tempos do cólera: Recife, 1856. In. CHALHOUB, Sidney *et a*l. **Artes e ofícios de curar no Brasil**. Campinas: Editora Unicamp, 2003, p.331-385.

FREITAS, C. *et al*. Sobre contas e trançados: análise dos acompanhamentos funerários em materiais perecíveis do indivíduo proveniente do sítio Lagoa Cercada (Colônia do Gurguéia, Piauí). **Tessituras**, Pelotas, v. 11, n. 2, jul./dez. 2023.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

GUIMARÃES, B. F.; SANTOS, J. de S. **A morte desprezível:** história e arqueologia dos antigos cemitérios de bexiguentos da Paraíba. Queimadas: Cópias & Papéis, 2021.

GUIMARÃES, B. F. **A bioarqueologia de uma memória esquecida: Cemitério de Bexiguentos dos Caboclos em Frei Martinho, Paraíba**. 2025. Dissertação (Mestrado em Medicina Translacional) – Programa de Pós-Graduação em Medicina Translacional, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2025.

JUNIOR, G. de B. **Proporções antropométricas**. Disponível em: https://www.cpaqv.org/cinesiologia/antropometricas.pdf. Acesso em: 2003.

LARSEN, C. S. **Bioarchaeology**: Interpreting Behavior from the Human Skeleton. [S. l.]: Cambridge University Press, 2003.

LE GOFF, J. **História e memória**. 7. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

LIRYO, A. A paleopatologia e o estudo das doenças no passado. **REVISTA M.** - ISSN 2525-3050. Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 22-38, jan./jun. 2021.

MENEGUELLO, C. Patrimônio difícil: um conceito incompleto? In: NOGUEIRA, Antônio Gilberto Ramos (org.). **Patrimônio, resistência e direitos**: histórias entre trajetórias e perspectivas. Vitória: Milfontes, 2022.

NORA, P. Lugares de Memória. **Revista Projeto História**. São Paulo, v. 10, p. 7, 1993.

OEXLE, O. G. A presença dos mortos. In: Braet, H. & Verbeke, W. **A morte na Idade Média**. São Paulo: Edusp, 1996.

OLIVEIRA, A. M. de. **Retalhos da história de Frei Martinho**. Osasco: Prograf ltda. 2018.

OLIVEIRA, B. R. de; MARCONDES, G. **O desgaste dental erosivo e possíveis relações com a alimentação contemporânea**. 2022. 38 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Odontologia) – Universidade de Taubaté, Taubaté, 2022. Disponível em: http://repositorio.unitau.br/jspui/bitstream/20.500.11874/6268/1/Beatriz%20Reis%20de%20Oliveira_Gabriela%20Nascimento%20Marcondes.pdf. Acesso em: 3 ago. 2026.

PFEIFFER, S. **Osteobiographies**: the discovery, interpretation and repatriation of human remains. London: Elsevier. 2022.

PRIORE, M. D. (org.). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

QAHTANI, Al. **Atlas of Human Tooth Development and Eruption**. Queen Mary University of London. Disponível em: https://www.qmul.ac.uk/dentistry/atlas/. Acesso em: 30 de jul. de 2026.

RENFREW, C.; BAHN, P. G. **Archaeology: Theories, Methods and Practice**. New York: Thames and Hudson, 1991.

SANTOS, W. de S. **O cotidiano da morte em São Cristóvão/SE e o começo da segregação dos mortos em cemitérios extramuros (1843–1858).** 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020.

STAHL, Peter W. (org.). **Archaeology in the Lowland American Tropics**. [S. l.]: Cambridge University Press, 1995.

THOMPSON, E. P**. As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Organizadores: Antônio Luigi Negro e Sergio Silva. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001.

TRAVERSO, E. **O passado, modos de usar**: história, memória e política. São Paulo: Edições Unipop, 2012.

VIANA, F. *et al*. **Para meninos, meninas e suas bonecas**: moldes e moda para crianças no Brasil do século XIX. São Paulo: ECA/USP, 2021.